



# O problema da autópsia no ensino médico

Jorge Michalany<sup>1</sup>

Em quase todos os Congressos da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP), um dos temas preferidos é o valor da autópsia no ensino médico. Realmente, foi graças a essa operação *post-mortem* que Morgagni fundou a ciência da anatomia patológica quando, em 1761, publicou seu imortal livro “*De sedibus et causis morborum per anatomen indagatis*”. A repercussão de sua obra foi universal, a ponto de as autópsias tornarem-se habituais, principalmente com Bichat, em Paris, e Rokitansky, em Viena. Durante mais de 200 anos avaliava-se a qualidade de uma escola de anatomia patológica pelo número de autópsias, tanto que Rokitansky tornou-se famoso pela experiência adquirida por meio de 30.000 autópsias realizadas pessoalmente. Infelizmente, a partir de 1950, essa valiosa operação para a prática e ensino da medicina passou a ser relegada a um plano secundário.

Esse desinteresse é atualmente atribuído à moderna tecnologia de diagnóstico clínico e laboratorial, que permite ao médico fazer diagnósticos mais precisos do que antigamente, sobretudo quando ele é especializado em determinado órgão ou sistema. Mas, às vezes, o verdadeiro mal que atinge o doente corresponde ao *abditis* (escondido) de Antonio Benivieni, e somente a autópsia poderá revelar a lesão principal ou outras concomitantes que passaram despercebidas pelo médico. Portanto, anunciar que autópsia é importante no ensino médico torna-se quase uma redundância.

A meu ver, os principais motivos desse desinteresse residem em dois fatos: primeiro, na exclusão do aluno no ato da autópsia e, segundo, na omissão dos professores graduados na realização desse procedimento. Senão, vejamos:

1. Ora, da mesma maneira que o aluno de medicina aprende os métodos de exame clínico no próprio doente e os princípios da técnica cirúrgica no cadáver e no vivo, ele dever ter acesso ao laboratório de patologia cirúrgica e, principalmente, à sala de necropsias, não como apenas um mero espectador à distância, como é a regra. E graças ao abundante material cadastrado do Serviço de Verificação de Óbitos da Escola Paulista de Medicina, grupos de alunos eram adestrados na execução das necropsias. Evidentemente, havia sempre um assistente para orientar a técnica de abertura do cadáver e diagnosticar a *causa mortis*. Num Congresso da SBP essa minha opinião foi contestada, achando-se que o aluno não deve participar tecnicamente da autópsia. Mas daí, eu pergunto, se um aluno de primeiro ano precisa dissecar um cadáver, por que a um mais adiantado se impede de abrir o cadáver?

2. Qualquer professor categorizado de clínica ou cirurgia exerce sua atividade profissional, isto é, o clínico examinando pessoalmente o doente na enfermaria e o cirurgião realizando a intervenção. Isso ocorria nos meus tempos de estudante com os professores Álvaro de Lemos Torres e Alípio Correa Neto. Em outras palavras, nós víamos o exemplo dos mestres. Infelizmente isso não acontece com a anatomia patológica, pois são poucos os professores que gostam de autopsiar. Eu tive, porém, a felicidade de ser aluno do professor Walter Büngeler, digno representante da escola alemã (na qual o patologista forma-se na sala de autópsias), e não foram poucas as vezes que o vi abrindo um cadáver. Esse exemplo eu segui quando fui titular da Escola Paulista de Medicina, tanto que, apesar da minha idade, eu ainda com frequência metia a mão no cadáver.

Compreendo perfeitamente que professores absorvidos pela carga administrativa ou interessados mais em pesquisas experimentais do que clínicas, nem sempre dispõem de tempo para essa tarefa que leva pelo menos duas horas. A meu ver, a solução estaria em designar um substituto para pessoalmente intervir no cadáver, devendo ser auxiliado pelos alunos e não pelo servente, como é a regra no Brasil. Esse aprendizado técnico torna-se imperioso quando um médico não patologista do meio rural é solicitado pelo delegado ou juiz para elucidar casos de morte violenta. E se o médico for curioso, ele não hesitará em abrir o cadáver para saber a *causa mortis* do seu doente.

## INFORMAÇÕES:

Endereço para correspondência:

Museu da Associação Paulista de Medicina (APM)

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 278 – 5ª andar

Bela Vista – São Paulo (SP)

CEP 01318-901

Tel. (11) 3188-4303

E-mail: [museu@apm.org.br](mailto:museu@apm.org.br)

Fontes de fomento: nenhuma

Conflito de interesse: nenhum declarado

Data de entrada: 6/7/2009

Data da última modificação: 6/7/2009

Data de aceitação: 8/9/2009

## EDITOR RESPONSÁVEL POR ESTA COLUNA

Olavo Pires de Camargo. Professor titular, Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

<sup>1</sup> Professor titular aposentado da Escola Paulista de Medicina (EPM). Curador do Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina.